



---

**BRASIL E PORTUGAL:  
RELAÇÕES TRANSATLÂNTICAS E LITERÁRIAS NO SÉCULO XIX**

Juliana Maia de Queiróz (UNESP)

**RESUMO:** Neste artigo buscamos apresentar e analisar as relações transatlânticas e literárias entre Portugal e Brasil no século XIX, com base na presença e circulação da obra de autores portugueses no Brasil e de autores brasileiros em Portugal. Tomando como fonte de pesquisa catálogos de livreiros dos dois países, bem como observações críticas publicadas em periódicos da época, observamos a importante presença de escritores transitando nos dois lados do Atlântico, revelando assim uma aproximação entre as literaturas destes dois países.

**PALAVRAS-CHAVE:** Circulação de romance, Brasil e Portugal, século XIX

**BRAZIL AND PORTUGAL:  
TRANSATLANTIC AND LITERARY RELATIONS IN THE 19TH CENTURY**

**ABSTRACT:** This paper intends to present and analyze the transatlantic and literary relations between Portugal and Brazil in the nineteenth century based on the presence and circulation of Portuguese authors in Brazil and Brazilian authors in Portugal. Taking as research sources booksellers' catalogues from both countries as well as critical comments published in journals of that time we can observe the important presence of writers transiting on both sides of the Atlantic, thus revealing a close connection between the Portuguese and the Brazilian literatures.

**KEYWORDS:** Novel circulation, Brazil and Portugal, 19th century

A circulação de livros entre a metrópole portuguesa e a colônia brasileira tem sido objeto de estudo de pesquisadores renomados da área da História do livro e da leitura. Muito tempo antes que D. João, fugindo das tropas de Napoleão, transferisse a corte portuguesa para o Brasil, o envio de livros para sua colônia mais importante já havia se tornado motivo de preocupação em Portugal. Com o objetivo expresso de controlar a propagação de ideias que pudessem levar à subversão os súditos da coroa portuguesa, no interior do próprio reino ou além-mar, Portugal fazia uso da censura desde o século XVI.

No que diz respeito ao envio de livros ao Brasil, Márcia Abreu analisou detidamente os pedidos direcionados ao Rio de Janeiro e endereçados à Real Mesa Censória no período em que ela esteve ativa (de 1769 a 1826):

O sistema de controle da movimentação livresca instalado em Portugal – embora complicasse significativamente a vida dos leitores, entravando seu contato com as obras que queriam ter diante dos olhos – fez com que se registrasse a presença de obras beletrísticas nos domínios portugueses, permitindo não apenas conhecer a preferência dos leitores brasileiros, mas também compará-la com a dos reinóis, avaliando a sintonia dos gostos e a quantidade de impressos presentes nos dois lugares. (ABREU, 2003, p.25)

Ao verificar esses pedidos, a pesquisadora constata, além das preferências dos leitores, um movimento muito mais significativo no eixo Portugal-Brasil se comparado às demais colônias portuguesas e à própria circulação dentro da metrópole. Sua pesquisa revela que, ao contrário do que comumente se propagou em relação ao Brasil colonial, havia aqui um importante público leitor e consumidor de livros. Com foco nos pedidos de envio de títulos de belas-letas para a cidade do Rio de Janeiro, sua pesquisa aponta a preferência do público pela prosa de ficção, sobretudo romances. Se o gênero romanesco – considerado menor em relação à poesia até meados da segunda metade do século XIX – causou certa desconfiança na crítica mais erudita após seu surgimento, é fato que passou a seduzir cada vez mais leitores, ávidos por histórias de amor, costumes e aventuras. Assim, aqueles



que quisessem viver do comércio livreiro teriam interesse em fazer chegar ao Brasil romances vindos da Europa. *Aventures de Télémaque, Histoire de Gil Blas de Santillane e Don Quijote de la Mancha*, traduzidos para o português ou no original, são exemplos de títulos com o maior número de pedidos de autorização de remessa enviados à Real Mesa Censória, depois denominada Mesa do Desembargo do Paço, quando da instalação da Família Real no Brasil.

Em estudo mais recente sobre o tema, Márcia Abreu aponta a vinda da Família Real para o Brasil e, conseqüentemente, a instalação da Imprensa Régia, como um dos principais fatores que teriam levado o comércio livreiro carioca da primeira metade do século XIX a contrariar o secular trânsito de livros vindos de Portugal em direção às terras brasileiras, revelando um movimento inverso de envio de livros editados na antiga colônia e endereçados à ex-metrópole:

Mesmo custando caro, as publicações cariocas pareciam interessantes para o experiente livreiro europeu Paulo Martin, que considerou vantajoso importá-las, ainda que tivesse de pedir autorização à censura, transportar os livros pelo Atlântico e liberá-los na alfândega lisboeta, antes de poder colocá-los à venda. Talvez seu interesse viesse do fato de os títulos não estarem disponíveis em Portugal ou se devesse à reconhecida qualidade tipográfica dos impressos dados à luz no Rio de Janeiro. De qualquer forma, a remessa de livros produzidos no Brasil para serem vendidos em Lisboa revela a perspicácia dos Martin, que eram capazes de tirar proveito das melhores condições, fosse como livreiros, fosse como editores. (ABREU, 2010, p. 60)

O livreiro-editor Paulo Martin atuava em Portugal desde o início do século XIX e lá residia, sendo que seus dois filhos, Paulo Augusto e João José, estavam à frente da casa *Paulo Martin Filho* no Brasil, fator que facilitava (como nos mostra a citação acima) o comércio transatlântico de livros. Outra prática comum no período – e que se estenderia pelo século XIX – era mandar imprimir livros na Europa para vendê-los no Rio de Janeiro, conforme fazia o francês Pierre Constant Dalbin, que utilizava os serviços de tipografias parisienses para mandar imprimir livros que seriam depois comercializados no Brasil.

O monopólio da Impressão Régia seria encerrado em 1821, permitindo tanto a legalização e o estabelecimento de mais tipografias nas diversas províncias do imenso território brasileiro quanto o incremento do comércio livreiro. A capital do Império assistiria, dessa forma, a um aumento significativo no número de livrarias, bem como no de tipografias. Esta abertura traria particularmente à cena um brasileiro empenhado em fazer alavancar as letras impressas no Brasil: Paula Brito. Em um mercado dominado por estrangeiros – sobretudo franceses – um autodidata de origem humilde e mestiço tornou-se o livreiro favorito da elite político-cultural da cidade do Rio de Janeiro, tanto que ficou famosa a sua *Petalógica*:

A *Petalógica* – o nome, imaginado por Brito, referia-se à rédea solta que seus membros davam à imaginação (uma peta = uma mentira) – reunia todo o movimento romântico de 1840-1860: poetas, de Antonio Gonçalves Dias a Laurindo Ribeiro, romancistas como Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antonio de Almeida ou Teixeira e Sousa. (HALLEWELL, 2005, p. 154)

Com o apoio de D. Pedro II, Paula Brito fundou a *Tipografia Dois de Dezembro* (em homenagem à data de nascimento de ambos) que editava e publicava periódicos e livros de variados temas. No entanto, o que fez Paula Brito ser descrito por Machado como o nosso primeiro editor digno de tal nome foi seu apreço pelas obras literárias brasileiras. O caso do escritor Teixeira e Sousa é emblemático neste sentido, pois além de acolhê-lo em sua casa, dar-lhe um emprego em sua loja e, posteriormente, oferecer-lhe sociedade, Paula Brito publicou aquele que pode ser considerado como o primeiro romance nacional: *O Filho do Pescador* (1843). Vale lembrar aqui que o próprio Machado de Assis, quando jovem, trabalhou como revisor de provas de Paula Brito e começou sua carreira literária publicando na revista *A Marmota Fluminense*. Seus negócios, contudo, seriam afetados pela crise econômica mundial de 1857 e reduzidos a apenas uma tipografia, a *Typografia de Paula Brito*. Morto em 1861, sua viúva levaria adiante o negócio até 1875, mas de maneira bem limitada.



A partir dos anos sessenta do Oitocentos, o mercado livreiro carioca vai ser marcado pela retomada da supremacia estrangeira e é neste momento que o nome do livreiro-editor Baptiste Louis Garnier começa a ficar em evidência. Tendo chegado ao Brasil em 1844 e se fixado dois anos depois, na Rua do Ouvidor,

(...) como a maioria dos livreiros da época – tanto nas cidades provinciais da Europa quanto no Brasil – no início Garnier não podia depender apenas da venda de livros. Negociava também com artigos de papelaria e com uma miscelânea de artigos importados, de guarda-chuvas e bengalas a pílulas, unguentos e charutos. Começou também a publicar livros, embora numa pequena escala até o final da década de 1860. Assim, parece ter sido o primeiro editor brasileiro a encarar a impressão e a edição como atividades totalmente distintas. Enquanto Paulo Martin e outros foram obrigados a confiar seus trabalhos à Impressão Régia, durante o período de monopólio dessa oficina, B. L. Garnier escolheu o caminho da terceirização por um princípio comercial já arraigado em Paris e em Londres. (HALLEWELL, 2005, p. 200-201)

O exame de um dos catálogos de sua livraria de meados dos anos oitenta do século XIX – quando Garnier era o nome do mercado editorial brasileiro, ficando ao lado apenas dos irmãos Laemmert – revela o espantoso número de obras literárias em português (originais ou traduzidas) à disposição do público carioca no último quartel do Oitocentos<sup>1</sup>. Em outra ocasião, tivemos a oportunidade de analisar detidamente um dos catálogos da livraria de B. L. Garnier de meados dos anos setenta daquele século e procuramos ressaltar as estratégias de anúncio dos títulos de autores brasileiros editados por Garnier (José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e Machado de Assis, por exemplo) e a presença maciça de autores estrangeiros, sobretudo de franceses<sup>2</sup>. Como nosso foco no presente artigo limita-se ao comércio

<sup>1</sup> *Catálogo da Livraria de B. L. Garnier. N. 2- Literatura (Novellas, Romances, Narrativas, Crítica literária, Poemas, Peças de Teatro, etc.). Este catálogo anula os precedentes. s/d.* Fonte primária consultada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Apesar de não ser datado, supomos ser posterior a 1878, devido à presença da obra *O crime do Padre Amaro* (1875) e *O Primo Basílio* (1878), ambos de Eça de Queirós, os únicos deste autor anunciados no *Catálogo*.

<sup>2</sup> Conferir: QUEIROZ, Juliana Maia de. “Em busca de romances: um passeio pelo catálogo da livraria Garnier” In *Trajatórias do Romance. Circulação, leitura e escrita nos séculos XVIII e XIX*. Campinas: Fapesp/Mercado de Letras, 2008. p. 199-212.

transatlântico de romances entre Portugal e Brasil, destacamos a presença dos seguintes autores portugueses do século XIX: Teófilo Braga, Camilo Castelo Branco, Júlio Diniz, Eça de Queirós, Almeida Garret, Alexandre Herculano, Júlio César Machado, Alfredo Hogan, Ramalho Ortigão, contabilizando em torno de trezentos títulos divididos entre Poesia, Romance e Teatro.

Conhecidos como os concorrentes mais diretos de Garnier no comércio livreiro carioca da segunda metade do século XIX, os irmãos Laemmert, originários do grão-ducado de Baden, fixaram-se no Brasil antes do livreiro-editor francês e se especializaram mais em obras técnicas e didáticas, relacionadas ao campo das ciências e da história. Ao contrário de Garnier, os irmãos Laemmert investiram também na atividade tipográfica de modo que imprimiam quase toda a sua produção no Rio de Janeiro, criando e modernizando a *Typographia Universal*:

Em fins da década de 1850, a Laemmert tinha produzido 250 títulos; no começo da década de 1860, quase 400; em 1874, mais de 500 e, quando a firma abandonou a edição de livros, em 1909, havia produzido um total de 1440 obras de autores brasileiros, além de cerca de 400 traduções do inglês, do francês, do alemão e do italiano. (HALLEWELL, 2005, p. 237)

Ao observarmos um dos catálogos da *Livraria Universal de Eduardo e Henrique Laemmert*, do final da década de sessenta do século XIX, notamos, contudo, na seção específica destinada às *Obras de Litteratura*, a presença de quase mil títulos à disposição do público<sup>3</sup>. Obviamente, tal número não diz respeito a obras editadas e impressas pelos Laemmert, mas à venda em sua loja de livros. Assim como no catálogo da loja de B. L. Garnier, este se dedica apenas a obras em língua portuguesa (originais ou traduzidas). Merecem destaque os títulos de alguns dos autores de Portugal encontrados no catálogo

---

<sup>3</sup> *Catálogo n.7 das Obras de Litteratura. Novellas, Romances, Historietas, Comedias, Dramas, Livros de Divertimento e Recreio das Sociedades e Outras Obras de Entretenimento em Portuguez. Á venda na Livraria Universal de Eduardo e Henrique Laemmert 77 Rua da Quitanda 77 e do mez de junho de 1868 em diante 68, Rua do Ouvidor, 68 no Rio de Janeiro. s/d. Fonte primária consultada na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. Devido à informação de mudança de endereço impressa no próprio catálogo, julgamos ter sido impresso no ano de 1868.*



Garnier, tais como Camilo Castelo Branco, Pinheiro Chagas, Alexandre Herculano, Almeida Garret, Júlio César Machado e Alfredo Hogan.

Assim como no *Catálogo* Garnier, com trinta e sete títulos distintos, divididos entre poesia, teatro e romance, o autor de *Amor de Perdição* e de *Amor de Salvação* é anunciado no catálogo dos Laemmert de maneira também expressiva, com vinte e cinco títulos, tornando-se assim, em ambos os catálogos, o autor português de maior destaque.

Camilo Castelo Branco, um dos grandes nomes da literatura oitocentista em Portugal, teve considerável circulação também no Brasil. Trabalhos mais recentes do pesquisador Paulo Motta Oliveira sobre Camilo Castelo Branco e Alfredo Hogan mostram, dentre outros aspectos, a importância destes dois autores, tanto para a ascensão do romance em Portugal quanto para o diálogo, por exemplo, entre a produção romanesca portuguesa e francesa que chegaram ao Brasil. Em relação a Camilo Castelo Branco, o pesquisador afirma que o autor “teve que transitar entre vários gêneros, escrevendo para editores bastante diversos, condição especial para tentar viver das letras” (OLIVEIRA, 2011, p. 2). Tomando como princípio a reflexão de Roberto Schwarz, segundo a qual o romance teria existido no Brasil antes dos romancistas, ou seja, os escritores nacionais teriam seguido um modelo importado da Europa, Paulo Motta argumenta que tal reflexão também se aplicaria a Portugal, pois até praticamente a metade do século XIX, o que se lia em Portugal eram traduções de obras francesas. Sendo assim, quando os romancistas portugueses, dentre eles Camilo Castelo Branco, lançaram-se à escrita de romances,

(...) tiveram que disputar mercado com a vasta produção francesa traduzida, tiveram de oferecer ao público um produto híbrido, ao mesmo tempo suculento para os leitores vorazes de Souvestre, Sue e Dumas, mas com algo a mais em sua preparação, certa *cor local*, em que o público poderia reconhecer traços de seu rosto. (OLIVEIRA, 2011, p.2)

Interessante é o caso de Alfredo Hogan, hoje praticamente desconhecido, mas que escreveu uma narrativa intitulada *A mão do finado*,

como sendo a continuação da famosa obra de Alexandre Dumas, *O Conde de Monte Cristo*. Lançada na França, em Lisboa, e publicada como folhetim carioca, esta continuação teria gerado, inclusive, uma carta de Dumas, em 1853, reclamando ao *Jornal do Commercio do Rio de Janeiro* que ele, Alexandre Dumas, nunca teria escrito a continuação que era publicada como sendo de sua autoria. Segundo Paulo Motta, o mais inusitado é que os esforços do autor francês foram em vão e a narrativa de Alfredo Hogan continuou sendo publicada como a continuação de *O Conde de Monte Cristo*, com edições que chegariam inclusive ao século XX.

Cruzando o Atlântico, podemos nos perguntar acerca das obras brasileiras que teriam chegado a Portugal em meados do século XIX. Neste sentido, é bem conhecido o texto de Alexandre Herculano, *Futuro Literário de Portugal e do Brasil* (1847), em que comenta a obra *Primeiros Cantos: poesias por A. Gonçalves Dias*. Alexandre Herculano exalta a nova geração de escritores brasileiros e compara o promissor mercado livreiro da antiga colônia à decadência do mercado português:

A imprensa na antiga América portuguesa, balbuciante há dois dias, já ultrapassa a imprensa da terra que foi metrópole. Às publicações periódicas, primeira expressão de uma cultura intelectual que se desenvolve, começam a associar-se as composições de mais alento – os livros. *Ajunte-se a esse fato outro, o ser o Brasil o mercado principal do pouco que entre nós se imprime*, e será fácil conjecturar que no domínio das letras, como em importância e prosperidade, as nossas emancipadas colônias nos vão levando rapidamente de vencida (HERCULANO, 1998, p. 99. Grifos meus).

Ao que parece, a presença da literatura brasileira na imprensa e no mercado editorial português teria ocorrido de forma tímida até meados da década de setenta do século XIX, criando “uma barreira de desdenhosos e injustos silêncios”, nas palavras do diretor da *Revista de Portugal e Brazil*, Luciano Cordeiro (CORDEIRO, 1874, p. 125-126). Seu apelo parece ter surtido efeito entre o meio literário português, tanto que apenas três meses depois Camilo Castelo Branco escreveria:





O mercado dos livros brasileiros abriu-se, há poucos meses, em Portugal. Devemo-lo à atividade inteligente do senhor Ernesto Chardron. Foi ele quem primeiro divulgou um catálogo de variada literatura, em que realçam os nomes de mais voga naquele florentíssimo país (...) Não esqueçamos, todavia, que o impulsor deste brilhante movimento literário no Rio de Janeiro, e por isso em todo o império, é o livreiro-editor Garnier, espírito empreendedor que tanto faz luzir os talentos que divulga, quanto lucra para si a honra de os fazer conhecidos e laureados. (BRANCO, 1874, p. 51)

Notamos, por meio do excerto acima, a importância de dois importantes livreiro-editores para a circulação de livros entre Brasil e Portugal na segunda metade do século XIX: Chardron e Garnier. Também de origem francesa, o livreiro-editor Ernesto Chardron seria aquele que realmente abriria as portas do mercado livreiro português para os autores da antiga colônia na América. Chegando a Portugal em 1858, depois de ter trabalhado para Nicolau Moré, outro livreiro parisiense com casa estabelecida no Porto, Chardron iniciaria seu próprio negócio nesta cidade, sendo que seu irmão, Eugénio Chardron, abriria uma filial da Livraria Internacional em Braga, em 1871.

O livro brasileiro, quer fosse de teatro, prosa, poesia, história ou de autores franceses traduzidos, passaria a cruzar o Atlântico em busca de leitores portugueses, sobretudo a partir da década de setenta do Oitocentos. O catálogo da *Livraria Internacional de Chardron* para a venda de obras brasileiras, de 1874, referido por Camilo Castelo Branco, revela a presença importante de autores brasileiros no mercado editorial português, dentre eles os romancistas José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo e Machado de Assis, além de poetas como Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu e outros. Tais dados colocam em xeque a ideia muito recorrente de que o Brasil, durante o século XIX, funcionava muito mais como um consumidor de livros e de autores estrangeiros. Do catálogo de 1874, observemos tanto a capa como uma de suas folhas internas<sup>4</sup>:

---

<sup>4</sup> *Catalogo das Publicações Brasileiras recebidas pela Livraria Internacional de E. Chardron – Porto e Braga – 1874*. Cópia digitalizada do exemplar original da Biblioteca Nacional de Portugal.



*Suppl.* **CATALOGO** *07-11-1915*  
*B 2706*  
DAS  
**PUBLICAÇÕES BRAZILEIRAS**  
RECEBIDAS  
PELA  
**LIVRARIA INTERNACIONAL**  
DE  
**E. CHARDRON**  
*B*  
*2706*  
**PORTO E BRAGA**

A LIVRARIA INTERNACIONAL DE ERNESTO CHARDRON RECEBE MENSALMENTE AS PUBLICAÇÕES FEITAS NO IMPERIO DO BRAZIL E INCUMBE-SE DE QUALQUER ENCOMMENDA QUE LHE SEJA DIRIGIDA NA CERTEZA DE QUE OS PREÇOS SERÃO OS MAIS MODICOS POSSIVEIS

**LIVRARIA INTERNACIONAL**  
DE  
ERNESTO CHARDRON  
96, Largo dos Clerigos, 98  
PORTO  
1874  
EUGENIO CHARDRON  
4, Largo de S. Francisco, 4-A  
BRAGA

*706*



4

LIVRARIA INTERNACIONAL

## LIVRARIA CLASSICA

## EXCERPTOS DOS PRINCIPAES AUTHORES DE BOA NOTA

**Antonio Feliciano de Castilho**

- Garcia de Rezende, excerptos, seguidos de uma noticia sobre sua vida e obras, um juizo critico, apreciações de bellezas e defeitos e estudos de lingua. 1 vol. em 8.º 720
- Padre Manoel Bernardes, excerptos, seguidos de uma noticia sobre sua vida e obras, um juizo critico, apreciações de bellezas e defeitos e estudos de lingua. 2 vol. em 8.º 1\$500

**José Feliciano de Castilho**

- Fernão Mendes Pinto, excerptos, seguidos de uma noticia sobre sua vida e obras, um juizo critico, apreciações de bellezas e defeitos e estudos de lingua. 2 vol. em 8.º 1\$500
- Manoel Maria du Bocage, excerptos, seguidos de uma noticia sobre sua vida e obras, um juizo critico, apreciações de bellezas e defeitos e estudos de lingua. 3 vol. em 8.º 2\$000
- Padre João de Lucena, excerptos, seguidos de uma noticia sobre sua vida e obras, um juizo critico, apreciações de bellezas e defeitos e estudos de lingua, pelo conselheiro José Silvestre Ribeiro: 2 vol. em 8.º 1\$250

**J. de Alencar**

- Alfarrabios. Chronicas dos tempos coloniaes. O Garatuja. 1 volume em 8.º 600
- As azas de um anjo, comedia em um prologo, quatro actos e um epilogo. 2.ª edição. 1 vol. em 8.º 500
- Cinco minutos. A viuvinha. 4.ª edição. 1 vol. em 8.º 600
- O demonio familiar, comedia em quatro actos. 2.ª edição, revista pelo author. 1 vol. em 8.º 500
- O Gaúcho, romance brasileiro. 2 vol. em 8.º 1\$200
- O Guarany, romance brasileiro. 4.ª edição. 2 vol. em 8.º 2\$000
- Guerra dos mascates, chronica dos tempos coloniaes. 1 vol. em 8.º 700
- Ao imperador. Cartas politicas. 1 vol. em 4.º 300
- Iracema. Lenda do Ceará. 2.ª edição. 1 vol. em 8.º 600
- Mãe, drama em quatro actos. 2.ª edição, revista. 1 vol. em 8.º 500
- A pata da gazella, romance brasileiro. 1 vol. em 8.º 600
- Ao povo. Cartas politicas. 1 vol. em 4.º 300
- Sonhos d'ouro, romance brasileiro. 2 vol. em 8.º 1\$200

LIVRARIA INTERNACIONAL

5

- O systema representativo. 1 vol. em 4.º 900
- O tronco do ipé, romance brasileiro. 2 vol. em 8.º 1\$200
- Verso e reverso, comedia em dous actos. 2.ª edição. 1 vol. em 8.º 350
- A viagem imperial. 1 vol. em 8.º 120

**J. M. Pereira da Silva**

- Aspasia. 1 vol. em 8.º 600
- Discursos parlamentares. 1 vol. em 4.º 800
- Discursos proferidos nas sessões do parlamento brasileiro, nas sessões de 1870 e 1871. 1 vol. em 4.º 800
- Historia da fundação do imperio brasileiro. 7 vol. em 4.º, enc., com um retrato do author. 12\$000
- Jeronymo Corte-Real, chronica do seculo xvi. 1 vol. em 8.º 600
- La littérature portugaise, son passé, son état actuel. 1 vol. em 8.º 600
- Manoel de Moraes, chronica do seculo xvii. 1 vol. em 8.º 700
- Obras litterarias e poeticas. 2 vol. em 4.º 2\$500
- Segundo periodo do reinado de D. Pedro I no Brazil. Narrativa historica. 1 vol. em 4.º 1\$500
- Situation sociale, politique et économique de l'empire du Brésil. 1 vol. em 8.º 500
- Os varões illustres do Brazil, durante os tempos coloniaes. 3.ª edição, muito mais augmentada e correcta. 2 vol. em 8.º 2\$000

**Joaquim Manoel de Macedo**

- Cincenuato, quebra-louça, comedia em 5 actos. 1 vol. em 8.º 500
- O culto do dever. 1 vol. em 8.º 600
- Os dous amores. 2 vol. 1\$250
- O phantasma branco, opera em 3 actos. 1 vol. em 8.º 500
- O forasteiro, romance brasileiro. 2.ª edição. 3 vol. em 8.º 1\$500
- Lições de historia do Brazil. 1 vol. 720
- Historia do Brazil. 2 vol. em 8.º 2\$000
- A luneta magica. 2 vol. em 8.º 1\$200
- Lusbella, drama em um prologo e quatro actos. 1 vol. em 8.º 450
- O moço louro. 2 vol. 1\$250
- As mulheres de mantilha, romance historico. 2 vol. em 8.º 1\$200
- A moreniinha. 5.ª edição. 1 vol. em 8.º 600
- A namoradeira, romance. 3 vol. em 8.º 1\$600
- A nebulosa. 1 vol. 750
- Nina, romance. 2.ª edição. 2 vol. em 8.º 1\$200
- Um noivo a duas noivas, romance. 3 vol. em 8.º 1\$800
- O novo Othelo, comedia em um acto. 1 vol. em 8.º 150
- Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro. 2 vol. em 8.º 2\$000
- Os quatro pontos cardaes. A mysteriosa, romances. 1 vol. em 8.º 700
- A rosa. 2 vol. 1\$250
- Theatro, contendo: Luxo e vaidade. — O premio da California. — Amor e patria. — A torre em concurso — O cego. — Cobiça. —

Não por acaso há um catálogo específico das publicações brasileiras recebidas pela Livraria Internacional de E. Chardron: a casa, além de receber todos os meses livros do Brasil, realiza o trabalho de encomenda a este país. Ressaltamos, nas páginas quatro e cinco reproduzidas acima, o considerável número de títulos de três renomados autores – José de Alencar, Pereira da Silva e Joaquim Manoel de Macedo, ao lado de dois portugueses – Antônio Feliciano de Castilho e José Feliciano de Castilho – em uma seção intitulada



de *Livraria Clássica, excertos dos principais autores de boa nota*. Ao compararmos tais títulos com aqueles presentes nos catálogos de Garnier, notamos que estas mesmas obras foram publicadas e eram vendidas no Rio de Janeiro, ou seja, eram livros publicados no Brasil, explicando assim a presença de autores dos dois países no catálogo de Chardron. Vale ressaltar ainda que tanto Alencar quanto Macedo tiveram muitas de suas obras editadas por Garnier, reforçando a afirmação de Camilo Castelo Branco, citada anteriormente, de que coube a Chardron a abertura do mercado português para o livro brasileiro, sendo que, antes deste, um outro senhor havia exercido papel importante na circulação de livros: o livreiro-editor Garnier. Além disso, ao classificar os autores como sendo de “boa nota”, colocando lado a lado brasileiros e portugueses, Chardron realiza uma estratégia de venda digna de destaque. Em outras palavras, anunciar em seu catálogo autores brasileiros ao lado daqueles renomados portugueses não deixa de ser um chamariz para os livros publicados no Brasil, que ele queria fazer vender em Portugal. Como vemos, tanto as relações estabelecidas no mercado editorial quanto as literárias cruzaram o Atlântico na segunda metade do século XIX, aproximando assim a antiga colônia de sua antiga metrópole.

Tratamos até agora da circulação de obras brasileiras em terras portuguesas. Em relação à recepção crítica, pelos poucos registros deste tipo de texto acerca de autores brasileiros em Portugal na segunda metade do século XIX, parece-nos que os poetas tenham recebido maior destaque, como é o caso de Gonçalves Dias e também de Casimiro de Abreu, que iniciou sua carreira literária em Portugal. Segundo Maria Eunice Moreira, sobre este, “consta que ele mesmo distribuía entre amigos, especialistas e público de certo modo interessado pelo Brasil,” os seus livros. (MOREIRA, 2007, pp.35-44). De acordo ainda com a mesma pesquisadora, Gonçalves Dias, tendo estudado em Coimbra, acabou fazendo contatos culturais que o fariam conquistar espaço também em outros espaços de crítica e circulação literárias até cair nas graças de Alexandre Herculano e, a partir de então, tornar-se praticamente uma unanimidade.



Já o romancista que teria provocado reações de amor e ódio por parte da crítica portuguesa seria José de Alencar, ganhando desde elogios a seu talento “reputado por seus patrícios como um dos ornamentos mais distintos da atual literatura no Brasil” (SILVA, 1866, p. 244-246), na voz de Inocêncio Francisco da Silva, passando à crítica severa de Pinheiro Chagas acerca da

(...) falta de correção da linguagem portuguesa, ou antes, a mania de tornar o brasileiro uma língua diferente do velho português, por meio de neologismos arrojados e injustificáveis e de insubordinações gramaticais. (CHAGAS, 1866, p. 221)

Apesar da severidade de Pinheiro Chagas, Alencar foi destacado por outro crítico português, Romeo Júnior, que o localizou

(...) entre os mais ilustres da inteligência brasileira, ao lado de Monte Alverne, Gonçalves Dias, Macedo, Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo e Machado de Assis. (JÚNIOR, 1866, p. 6-7)

Vale ressaltar que o próprio Pinheiro Chagas, quando da chegada de José de Alencar a Portugal, buscando corrigir os exageros do panfleto de 1868, em que criticara duramente o romancista brasileiro, preocupa-se em informar aos leitores onde poderiam encontrar títulos de Alencar, bem como informações sobre o autor:

Na antiga livraria de Bertrand, aos Mártires, e na Internacional de E. Chardron, no Porto, encontra-se a maior parte de suas obras, e no tomo V do Dicionário Bibliográfico de Inocêncio da Silva, e no tomo IX do Arquivo Pitoresco noticia sobre sua vida. (CHAGAS, 1876, p.1)

Desse modo, as relações envolvendo o mercado livreiro entre Portugal e Brasil, sobretudo na segunda metade do século XIX, alavancaram a literatura nestes dois países, fazendo com que circulassem em terras brasileiras autores renomados das letras portuguesas e que, de igual modo, romancistas e poetas brasileiros se fizessem conhecidos e apreciados na antiga metrópole. Muito mais do que um movimento de ruptura entre as literaturas do Brasil e de Portugal devido à independência política e à instalação da monarquia no



Brasil, os catálogos de livreiros e as apreciações críticas publicadas em periódicos na época mostram-nos que houve, no século XIX, uma importante aproximação entre a produção, a circulação e a recepção de obras literárias no eixo Brasil-Portugal.

## Referências

ABREU, M. “Duzentos anos: os primeiros livros brasileiros” in *Impresso no Brasil. Dois séculos de livros brasileiros*. Aníbal Bragança e Márcia Abreu [orgs.] São Paulo: Editora Unesp, 2010.

\_\_\_\_\_. *Os caminhos dos livros*. Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/Fapesp, 2003

BRANCO, C. C. Literatura Brasileira. In: *Noites de Insônia oferecidas a quem não pode dormir*. Porto/Braga: Livraria Internacional de Ernesto Chardron e Eugénio Chardron, 1874.

CHAGAS, P. José d’Alencar. In: *Novos ensaios críticos*. Porto: Viúva Moré, 1866.

\_\_\_\_\_. José de Alencar. *Diário da Manhã*, Lisboa, nº 365, 1ª página, edição de 21 de setembro de 1876.

CORDEIRO, L. Factos Artísticos do Brazil. In: *Revista de Portugal e Brazil*. Lisboa: Empresa Revista de Portugal e do Brazil. Nº 7, Jan, 1874.

HALLEWELL, L. *O Livro no Brasil: sua História*. 2ª edição revista e ampliada. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

HERCULANO, A. Futuro Literário de Portugal e do Brasil. In DIAS, Gonçalves. *Poesia e Prosa Completas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1998.

JÚNIOR, R. *As letras no Brasil. Duas palavras acerca de um folheto do Sr. Antero de Quental*. Braga: Tipografia de Domingos G. Gouvea, 1866.

MOREIRA, M. E. Relações Ambíguas: a recepção dos românticos brasileiros pela crítica portuguesa do século XIX. *Revista TriceVersa*. Assis, v.1, nº1, maio-out de 2007.

OLIVEIRA, P. M. A Ascensão do romance em Portugal: alguns apontamentos. X Congresso AIL. Universidade do Algarve, 18 a 23 de julho de 2011. Disponível em:



---

<[www.fchs.ualg.pt/xcail/comunicacoes/pdf/outros/Paulo\\_Oliveira.pdf](http://www.fchs.ualg.pt/xcail/comunicacoes/pdf/outros/Paulo_Oliveira.pdf)>  
Acesso em 20 abril 2013.

SILVA, I.F José de Alencar. *Arquivo Pitoresco, Semanário Ilustrado*, Lisboa, 1866.

Recebido em 28/05/2013.  
Aceito em 09/07/2013.

**Juliana Maia de Queiróz**

Mestre em Teoria e História Literária (2004) e doutorado em Teoria e História Literária (2011), desenvolvidos no Instituto de Estudos da Linguagem/UNICAMP. Atualmente, desenvolve pesquisa de pós-doutorado na UNESP, de São José do Rio Preto, com o projeto Brasileiros em Portugal e Portugueses no Brasil: romances que cruzaram o Atlântico na segunda metade do século XIX, financiado pela FAPESP. Entre fevereiro e julho de 2013, realizou estágio de pesquisa na Universidade Nova de Lisboa com bolsa BEPE/FAPESP, parte integrante do projeto de pós-doutorado em andamento.  
E-mail: [jumaiaque@gmail.com](mailto:jumaiaque@gmail.com)